

CURRICULARIZAÇÃO

MANUAL DA



PROEXT
Pró-reitoria de Extensão
e Relações Comunitárias

manual da curricularização da extensão

UNIVERSIDADE FRANCISCANA

DA EXTENSÃO

ORGANIZADORES

Marcio Tascheto da Silva

Anelis Rolão Flôres

Gustavo Gonçalves Cougo

Laise Viviane Chaves da Rosa

editora
UFN



CURRICULARIZAÇÃO

MANUAL DA



PROEXT
Pró-reitoria de Extensão
e Relações Comunitárias

manual da curricularização da extensão

UNIVERSIDADE FRANCISCANA

DA EXTENSÃO

ORGANIZADORES

Marcio Tascheto da Silva

Anelis Rolão Flôres

Gustavo Gonçalves Cougo

Laise Viviane Chaves da Rosa

Universidade Franciscana - UFN
Santa Maria, 2026

EDITORA UFN

Rua Silva Jardim, 1535
Prédio 7, Sala 305
Centro | Santa Maria, RS
97010-491 | (55) 3220.1203

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Fagner Millani
Lucio Pozzobon de Moraes

**CAPA, PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

Fagner Millani

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Janette Mariano Godois

ORGANIZADORES

Marcio Tascheto da Silva
Anelis Rolão Flôres
Gustavo Gonçalves Cougo
Laise Viviane Chaves da Rosa

COLABORADORES

Adriano da Silva Falcão
Amanda Rampelotto Löbler
Claudia Zamberlan
Greice Scremin
Juliana Silveira Colomé
Márcio Paulo Cenci

U58m Universidade Franciscana – UFN. Pró-reitoria de Extensão e
Relações Comunitárias
Manual da curricularização da extensão : Universidade
Franciscana / Universidade Franciscana – UFN. Pró-reitoria de
Extensão e Relações Comunitárias ; Organizadores Márcio
Tascheto da Silva ... [et al.] – Santa Maria, RS : Editora UFN,
2026.
37 p. : il.

ISBN 978-65-5852-515-8 (impressa)
ISBN 978-65-5852-516-5 (online)

1. Educação Superior 2. Extensão Universitária – UFN
I. Silva, Márcio Tascheto da

CDU 378

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera CRB 10/1491

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es). A Editora UFN não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

sumário

1

**compreendendo a extensão
universitária na UFN 4**

2

caminhada extensionista 8

3

**construção do plano de
ensino e aprendizagem e
desenvolvimento da disciplina
extensionista 26**

referências 34

1

compreendendo a extensão universitária na UFN

A extensão universitária é um dos vetores fundamentais que contribuem e impulsionam a educação superior no país, indissociada do ensino e da pesquisa. Muito além de uma exigência legal, conforme estabelecido na constituição de 1988 e atualizada nas diretrizes da Resolução nº 7/2018, a extensão representa e trabalha em favor do compromisso ético e social da universidade, agindo para promover impactos relevantes nas comunidades com as quais se relaciona, bem como na formação do estudante em contextos reais.

Na Universidade Franciscana (UFN), a extensão se organiza a partir da articulação de projetos e subprojetos vinculados aos Programas Institucionais de Extensão, de modo a integrar saberes a partir do encontro entre os conteúdos acadêmicos, as demandas sociais e, sobretudo, dos saberes locais e dos territórios onde a universidade atua. Ao descrever a perspectiva de extensão da UFN, Löbler e Silva (2025, p. 65) enfatizam a concepção de “uma pedagogia universitária com terroir”, isto é, que parta “[...] do reconhecimento da dimensão territorial da educação como um fator ativo para a formação, produção de conhecimento e impacto social da universidade”.

Com isso em mente, subsidiamos questionamentos constantes acerca de que profissionais queremos formar em nossos cursos e que profissionais queremos inseridos na sociedade. Nesse viés, compreendemos que, a partir da extensão universitária, podemos avançar na interação entre universidade e sociedade, de modo a contribuir para a formação de profissionais críticos e sensíveis com os grandes desafios do nosso tempo.

Desta forma, compreendemos a extensão universitária como uma via de reorganização dos currículos acolhendo o que está fora, em diálogo com os territórios e com os sujeitos que os constituem em suas múltiplas camadas de complexidade. A proposta de uma pedagogia universitária com terroir aproxima-se dos territórios extensionistas da Universidade, reconhecendo-os como sujeitos ativos nos processos formativos. Como afirma o Papa Francisco no Pacto Educativo Global (2019, p. 3):

Ora cada mudança precisa de uma caminhada educativa que envolva a todos. Por isso, é necessário construir uma «aldeia da educação», onde, na diversidade, se partilhe o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas. Como afirma um provérbio africano, «para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira». Mas, esta aldeia, temos de a construir como condição para educar.

Nossos territórios educativos caminham em busca da construção dessa “aldeia da educação”. Uma aldeia que se constrói no encontro entre universidade e a comunidade, na escuta atenta, na cooperação e na partilha de saberes. É nesse espaço coletivo que a extensão se fortalece e que forma profissionais comprometidos com a transformação de si mesmos e dos contextos socio-ambientais em que vivem e atuam.

Este manual foi elaborado como um guia de orientação para os professores e professoras extensionistas da UFN, com o objetivo de apoiar a compreensão da extensão universitária como dimensão formativa e territorializada, oferecendo um percurso prático de entrada, organização e desenvolvimento das ações. Ao longo das

seções, o texto reúne referências e indicações para situar a caminhada extensionista, retomar fundamentos e marcos legais, reconhecer a história e as parcerias já construídas, compreender os territórios prioritários e suas matrizes de saberes, além de orientar o planejamento das disciplinas e o encadeamento das etapas até a sistematização das experiências e os seus registros, a fim de fortalecer o vínculo entre universidade e comunidade como base das atividades extensionistas.

2

caminhada extensionista

Sou um professor extensionista e agora?

Para iniciar essa caminhada extensionista, elencamos alguns passos para orientar o professor em sua jornada.

PASSO 1:

Primeiro, é importante refletir sobre a nossa “Ancestralidade Pedagógica”

A extensão universitária brasileira é o saldo de uma caminhada histórica de muitas lutas e conquistas em favor do compromisso social da educação. A extensão surge na Inglaterra, no século XIX, como educação continuada para adultos sem acesso à universidade, recebendo destaque no Brasil em 1931 (ainda como função acessória e divulgação científica). É somente em 1960 que a extensão universitária configura-se como a conhecemos hoje, em sua função basilar, indissociável do ensino e da pesquisa (Gadotti, 2017).

Foi nesse momento, na década de 1960, com os movimentos de educação popular, que aprendemos que o conhecimento não “se leva” pronto para a comunidade, ao contrário, se constrói com diálogo e, sobretudo, com respeito aos saberes locais, sempre com participação coletiva.

E para melhor compreender todo esse processo que culmina na proposta que apresentamos neste manual, é fundamental conhecermos alguns dos pensadores e educadores que constituem a nossa ancestralidade pedagógica extensionista.

Podemos começar por Anísio Teixeira, um dos grandes defensores da educação pública, gratuita e democrática no Brasil. Seu trabalho como educador foi fundamental para pensarmos

hoje em uma territorialização da universidade, pois inspirado no pensamento pragmatista e no ideal da escola nova, Anísio propôs uma formação humana integral, vinculada diretamente à realidade socioterritorial de cada lugar do país. As diretrizes que hoje estruturam o ensino superior no Brasil são resultado, também, de sua defesa pela indissociabilidade entre a extensão, a pesquisa e o ensino, reafirmando o papel social da universidade como dimensão estruturante do processo de ensino e aprendizagem.

Outro educador que merece destaque nessa construção pedagógica é Darcy Ribeiro. Ele ajudou-nos a compreender que o papel da educação superior no país excede o que se faz em sala de aula, pois pensar a educação superior é pensar, também, em um projeto de nação. Que profissionais estamos formando? Que cidadãos queremos que nossos egressos se tornem? Nesse sentido, a universidade que queremos construir está disposta a trabalhar para a superação das desigualdades e pela valorização de todos.

Como expoente de um pensamento universitário aberto e ético, é preciso lembrar das considerações sobre a educação de Marilena Chauí, sobretudo em sua defesa por uma universidade que se constitui como espaço público de produção de conhecimento crítico e resistente às dinâmicas mercantis desmesuradas, orientando-se sempre pela ética, pela cidadania e pela formação humana integral.

Por certo, esses três educadores mencionados anteriormente encontram ressonância na obra do geógrafo Milton Santos, cujo trabalho foi fundamental para que hoje possamos desenvolver uma extensão universitária com foco socioterritorial, que considera as múltiplas camadas e dimensões de cada território de atuação extensionista. Com Milton Santos, aprendemos que toda prática educativa se enraíza em territórios concretos, social e politicamente produzidos, marcados por experiências, disputas e saberes

próprios. Sua noção de território como espaço vivido fortalece a concepção de uma extensão situada, implicada e atenta às condições reais de vida das comunidades.

Por fim, não há como pensar na educação brasileira sem referir-se à Paulo Freire que, talvez, seja a expressão mais contundente dessa ancestralidade, sobretudo ao reafirmar uma pedagogia do diálogo, da emancipação e do respeito aos saberes populares, rompendo com toda compreensão verticalizada que possa haver da relação entre universidade e sociedade. Com Freire, a extensão se torna, efetivamente, encontro, coprodução de conhecimento e formação crítica de cidadãos conscientes do contexto socioterritorial em que vivem.

Sem dúvidas, toda essa herança intelectual e ética encontra profunda ressonância na tradição franciscana. Nela, buscamos uma pedagogia da proximidade, humildade, cuidado e fraternidade. São os valores franciscanos, envoltos nessa ancestralidade pedagógica, que nos levam a validar a extensão universitária como lugar de escuta sensível, de respeito à alteridade, de defesa da vida, da simplicidade nas relações, da solidariedade com os mais vulneráveis e do compromisso com a casa comum.

Trata-se de uma pedagogia que se realiza na presença, no vínculo e na abertura ao mundo. É uma pedagogia que se constrói no contato com a realidade, no compromisso com os sujeitos e na responsabilidade partilhada diante dos desafios do nosso tempo. Por isso, a missão extensionista de uma instituição comunitária e franciscana não pode ser compreendida apenas como cumprimento de exigências acadêmicas ou normativas. Ela nasce de uma concepção ética de universidade, entendida como espaço de encontro, de reconhecimento da dignidade humana e de produção de conhecimento comprometido com a vida social.

É também nesse horizonte que a referência ao Papa Francisco ganha força. Ao defender a construção de uma aldeia da educação fundada no diálogo, na participação, na inclusão e na centralidade da pessoa humana, Papa Francisco recoloca em primeiro plano uma ideia essencial. Não há educação verdadeira quando falta encontro, quando falta compromisso com o outro e quando se perde a disposição de caminhar coletivamente. Sua defesa da cultura do encontro, da esperança e do cuidado com a vida e com a casa comum aproxima-se de modo profundo do sentido da extensão universitária.

Desse modo, a ancestralidade pedagógica que sustenta a extensão não se encerra no legado de importantes intelectuais brasileiros. Ela se alarga no diálogo com os valores franciscanos e com a inspiração ética do Papa Francisco, fortalecendo a imagem de uma universidade que não se fecha em si mesma, mas se move em “saída”, reconhece os saberes que neles se produzem e assume, com seriedade, seu compromisso com a transformação social, com a justiça, com a fraternidade e com a formação humana integral.

Essa ancestralidade, tecida historicamente no trabalho de grandes pensadores, ratifica a extensão universitária como fruto da resistência, mas, sobretudo, do diálogo e do compromisso ético da educação na formação humana integral. Inspirados por esses referenciais, compreendemos a extensão como um espaço de produção coletiva de saberes, que transforma realidades e forma sujeitos críticos.

Ainda nas palavras do Papa Francisco, é na construção dessa “aldeia da educação”, diversa, participativa e comprometida com o bem comum, que a UFN reafirma sua missão extensionista, construindo pontes entre a universidade e a sociedade.

Ancestralidade Franciscana: Legado para o futuro comum

Na busca da ancestralidade da tradição franciscana para as práticas extensionistas, somos conduzidos à experiência de Francisco, na cidade de Assis, no século XIII, ao sair dos muros da cidade. Ele sai e realiza encontros dos mais improváveis para a época e, talvez, para hoje. Improváveis não por não serem frequentes, mas por estarem invisibilizados – daqueles que não se quer ver.

O encontro com o leproso é especialmente marcante. Francisco, no *Testamento*, nos diz:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo (Fontes Franciscanas e Clarianas, 2004, p. 188).

Essa saída do mundo marca a conversão de Francisco ao se colocar a serviço integral do Evangelho. Nada mais deve impedi-lo, nem mesmo aquilo que parecia “amargo”. A experiência do encontro com o leproso não é um ato de caridade habitual, mas está fundada no encontro de Francisco com o Cristo, pois: “o próprio Senhor me conduziu entre eles”.

A tradição franciscana compreende o ser humano como um ser de relações. São Boaventura de Bagnoregio, no *Itinerário da Mente para Deus*, mostra como a elevação para a experiência mística passa pelo contato imediato com as realidades naturais. O mundo natural, a vida que nos cerca e as experiências de nosso entorno com os outros precisam ser consideradas não só como preparatórias, mas como vestígios pelos quais se reconhece a presença de Deus. Por isso, a sacralidade do mundo não é vista como se ele fosse povoado por seres mágicos, mas por ser sacramento, a saber, símbolo da presença de Deus.

João Duns Scotus compreende a pessoa humana como uma “relação de origem e uma relação de participação” (Merino, 2000, p. 65). O ser humano está voltado a Deus, mas também aos outros e a toda a criação. O elemento relacional é primordial na existência humana concreta. Para os pensadores franciscanos, como Roger Bacon, João Duns Scotus e Guilherme de Ockham, “nunca jamais o universal e o abstrato podem impedir o contato e a análise do individual e do concreto” (Merino, 2000, p. 63). Esse contato com o individual e o concreto se expressa nas formas de acolhimento dos seguidores de Francisco de Assis.

Na forma de vida da fundadora da Congregação das Irmãs da Penitência e Caridade Cristã, Madre Madalena Damen, nota-se a confiança e a abertura, quando repetia constantemente: “Vivamos como verdadeiras filhas de São Francisco e Deus cuidará de nós” (Cools; Winpersee, 1966). Assim, expressa essa confiança que possibilita a acolhida e conduz aos encontros. Essa acolhida franciscana não é um mero comportamento exterior; é uma atitude vivencial, uma renovação constante do seu ser e do ser para os outros, voltada para a realidade que está ao redor.

PASSO 2:

Os documentos...

A extensão universitária tem características singulares que desafiam a pedagogia universitária. Essas características foram desenvolvidas em um percurso histórico diverso e multifacetado. Um dos desafios do professor extensionista será entender a extensão em uma perspectiva histórica e legal, compreendendo as diversas abordagens, concepções e, principalmente, a extensão como dispositivo de aprendizagem.

Para isso, você poderá acessar um conjunto de materiais que visam embasar o professor e fornecer ferramentas e saberes extensionistas. No link a seguir, você encontrará as bases legais, textos teóricos e metodológicos dos autores mais significativos ao pensamento extensionista, produções de outras instituições comunitárias, relatos de experiência, materiais de apoio, vídeos, podcasts e as nossas próprias produções científicas, resultado da trajetória comunitária da UFN em mais de sete décadas.

Boa leitura:

[Clique aqui](#)



PASSO 3:

A extensão na UFN?

Feitas as primeiras leituras e estudos, convidamos os extensionistas a conhecer a trajetória da UFN e do seu curso no âmbito da extensão. É importante olhar o contexto de práticas, parceiros e territórios em que a universidade e o seu curso atuam.

Para superar a extensão factual, é preciso olhar para a história de interações da universidade e da sua área/curso e debater com o coordenador do curso, coordenadores dos programas, coordenadores dos projetos e demais docentes.

Esse diálogo inicial é fundamental!

PASSO 4:

Como está organizada a extensão na UFN?

Atualmente a gestão da extensão é coordenada pela Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias (PROEXT), duas diretorias operacionalizam os processos a Diretoria de Extensão e Diretoria de Relações Comunitárias. A PROEXT tem o apoio do Núcleo de Apoio à Extensão (NAEx) na concepção e implantação de práticas e processos extensionistas, assim como dos coordenadores dos programas e coordenadores dos projetos de extensão.



Para avançar na sua proposta, é importante conhecer a estrutura extensionista da UFN, que você encontra no link (<https://site.ufn.edu.br/pagina/extendensao-ufn>), organizada em seis Programas Institucionais de Extensão, com o objetivo de articular os Projetos de Extensão e os Projetos Integradores (disciplinas extensionistas curricularizadas).

Estes, por sua vez, se desdobram em Subprojetos, reunindo intencionalidades pedagógicas específicas das disciplinas e integrando estudantes de diferentes cursos de graduação.

Os Projetos de Extensão são propostas continuadas, planejadas para integrar-se a demandas reais dos territórios extensionistas prioritários, articuladas aos Programas Institucionais e envolvendo diferentes áreas do conhecimento.

Já os Projetos Integradores correspondem a articulação das disciplinas extensionistas previstas no currículo dos cursos, cuja proposta é inserir a prática extensionista no processo formativo, integrando ensino e extensão a partir de intencionalidades pedagógicas que nascem da interação entre a universidade e as comunidades.

A sua disciplina faz parte desta estrutural!

Os Programas Institucionais de Extensão da UFN são:

- **Atenção Integral e Promoção à Saúde**
- **Direitos, Políticas Públicas e Diversidade**
- **Educação, Cultura e Comunicação**
- **Patrimônio Cultural e Economia Criativa**
- **Sociedade e Ambiente**
- **Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Sustentável**

Essa organização incentiva a colaboração interdisciplinar, inter-profissional e garante o alinhamento das iniciativas ao propósito comum da extensão, ampliando a potencialidade de impacto social e formativo das atividades extensionistas.

Tendo isso em mente, observe os seguintes documentos institucionais:

- **Projeto Pedagógico Institucional (PPI)**

[Clique aqui](#)



- **Plano de Desenvolvimento Institucional 2023-2027 (PDI)**

[Clique aqui](#)



- **PPC do seu curso**

Para acessar esse documento converse com a Coordenação do seu curso.

- **Política de Extensão**

Após se inteirar dos documentos acima, verifique:

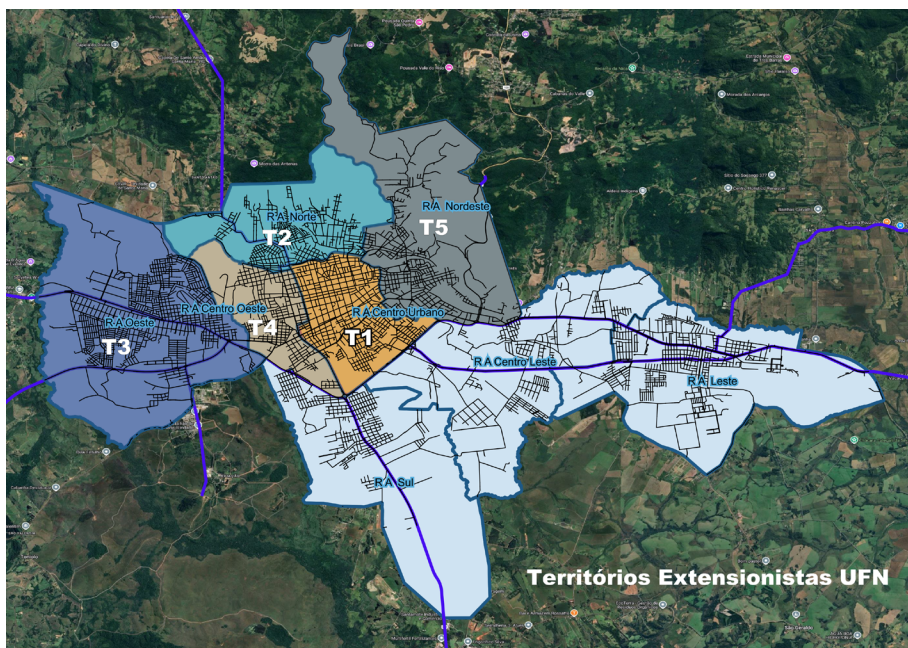
- **Programa Institucional e Projeto Integrador aos quais a sua disciplina está vinculada**
- **Projetos de Extensão articulados com o seu Programa e seu Projeto Integrador**
- **Territórios extensionistas da UFN:**

[Clique aqui](#)

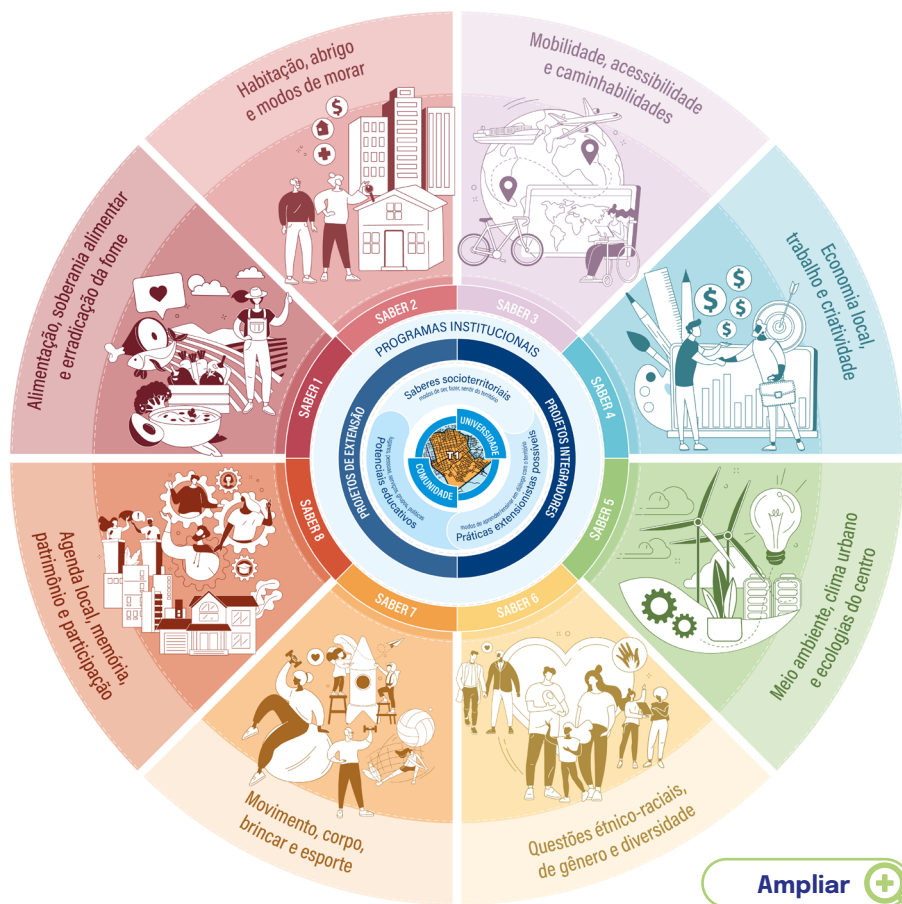


5 PASSO 5: Territórios educativos da extensão

O próximo passo é se inteirar dos territórios de atuação da UFN, sobretudo nos cinco territórios prioritários do município de Santa Maria, RS.



Para melhor instrumentalizar os professores extensionistas, a PROEXT, por intermédio do NAEEx, desenvolveu as **MATRIZES DE SABERES DOS TERRITÓRIOS**.



Com esta referência, procure **articular o ensino e a pesquisa com os atores e saberes locais**, estabelecendo relação com demandas reais dos territórios.

PASSO 6:

Planejamento da disciplina extensionista.

Agora que você chegou até aqui, é importante retomar os passos anteriores para o planejamento da sua disciplina. A seguir, constam algumas questões basilares para essa construção.

Estudo de contexto:

- a) Como a extensão está organizada na UFN?
- b) Qual o histórico de ações extensionistas do seu curso?
- c) Quais os parceiros já existentes?
- d) Existem potenciais novos parceiros?
- e) Em qual o território extensionista tem atuado ou deseja atuar?
- f) Que experiências já existem nesse território e como justifica sua atuação junto a essa comunidade?

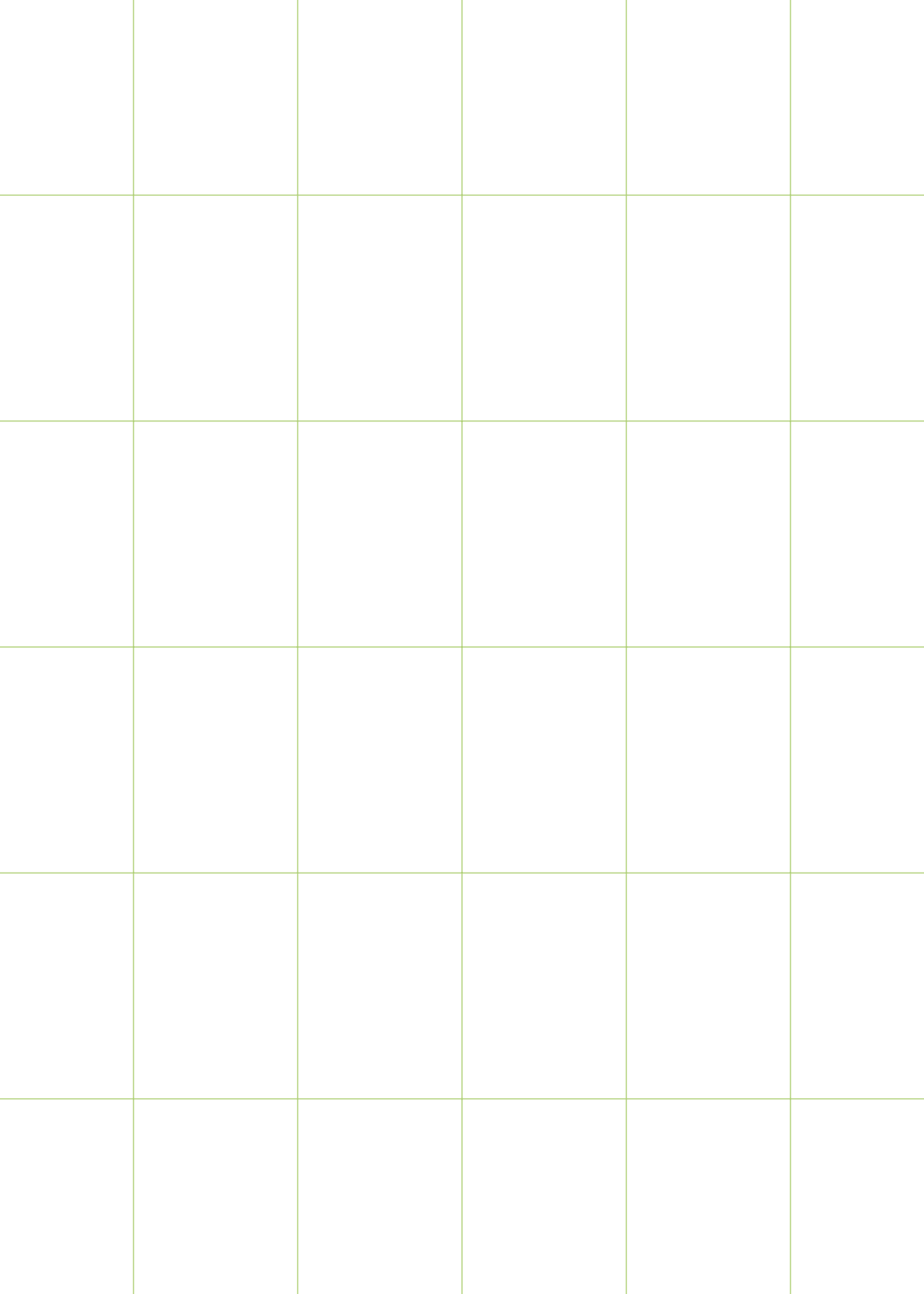
Diálogo com o Colegiado do Curso e Núcleo Docente Estruturante (NDE)

- g) Elaborar a disciplina em diálogo com o Colegiado do Curso e Núcleo Docente Estruturante (NDE).
- h) Definir como a disciplina se articula com o **Projeto Integrador**, com os Projetos de Extensão e com o Programa Institucional do qual faz parte.
- i) Conhecer a trajetória das disciplinas que já estão em desenvolvimento e articular a integração.

- j) Buscar integração **multidisciplinar** e **intersectorial** com outros cursos, bem como a continuidade em um mesmo território com a finalidade de estreitar laços com os atores sociais.
- k) Integrar o subprojeto ao plano de ensino e aprendizagem, buscando a colaboração e o protagonismo discente na elaboração da disciplina.

Primeiras impressões em contato com os territórios

- l) A disciplina deve partir de **demandas reais** dos territórios e comunidades.
- m) As demandas devem ser construídas com, para e, principalmente, a partir da comunidade.
- n) Observar a Matriz de Saberes Territoriais dos territórios 1, 2, 3, 4 e 5.



3

construção do plano de ensino e aprendizagem e desenvolvimento da disciplina extensionista

O Plano de Ensino e Aprendizagem da disciplina extensionista deve ser organizado de modo semelhante às demais disciplinas do curso. Entretanto, ele precisa considerar as etapas da curricularização da extensão. Essas etapas e a metodologia de trabalho irão consolidar a extensão nos currículos dos cursos de graduação e na formação dos seus futuros profissionais.

Para a construção do Plano de Ensino e Aprendizagem, é fundamental que o professor esteja apropriado da Ementa e do Programa da disciplina. O Programa subsidiará a conexão das ações extensionistas propostas com os conteúdos curriculares. Após o contato com o Programa da disciplina, o próximo passo trata da construção das competências relativas à cada Unidade do Programa. As Unidades devem estar de acordo com as Rodas Taxonômicas, o que auxiliará o docente a pensar nas referências e nos recursos de ensino, assim como nos Produtos de Aprendizagem propostos na disciplina.

Alinhar a construção da disciplina com as diretrizes da extensão e com o aporte teórico e legal analisados anteriormente. Ter como foco o impacto social e o aprendizado dos estudantes.

Uma vez estabelecidas as conexões entre Unidades, Competências, Caracterização da Metodologia de Ensino, Avaliação de Aprendizagem e Produtos de Aprendizagem, será possível avançar nas etapas apresentadas a seguir e organizar sua linha do tempo com base na construção do seu **subprojeto de extensão**.

ETAPA 1

Articulação Inicial

- Reunião com o território (atores/parceiros/comunidade).
- Definição conjunta de expectativas e necessidades.
- Analisar metodologias que poderão ser utilizadas no território, observando os aportes teóricos-metodológicos da aprendizagem e serviço solidário (link: pdf).

Inspire-se em metodologias e ações extensionistas:

1. Territórios educativos: extensão e curricularização da extensão na Universidade Franciscana | Volume 1

[Clique aqui](#) 

2. Territórios educativos: extensão e curricularização da extensão na Universidade Franciscana | Volume 2

[Clique aqui](#) 

3. CLAYSS - Guia para o desenvolvimento de projetos de aprendizagem e serviço solidário : edição brasileira

[Clique aqui](#) 

4. Cidade Escola Aprendiz

[Clique aqui](#) 

5. Vivências extensionistas e seu papel transformador na promoção dos ODS rumo à Agenda 2030

[Clique aqui](#) 

ETAPA 2

Reconhecimento do Território

- Visita/encontro para conhecer o contexto local ou reuniões com a comunidade na universidade.
- Identificar as demandas e analisar possíveis interações.

ETAPA 3

Ações Formativas

- Preparação dos alunos/acadêmicos por meio do diagnóstico de dados do território.
- Inserir conteúdos sobre a extensão na área de conhecimento e na formação humana e profissional.
- Complementação de dados do território, caso seja necessário.

ETAPA 4

Sistematização e Proposta

- Definir a metodologia com a comunidade e os acadêmicos/alunos
- Situar os alunos como co-construtores da disciplina.
- Sistematizar as etapas.
- Elaborar propostas para discussão com a comunidade.

ETAPA 5

Validação com os territórios

- Promover o encontro com a comunidade (rodas de conversas, assembleias, oficinas etc.) para discussão e reflexão de práticas participativas de integração com os territórios.
- Validar as propostas construídas coletivamente.

ETAPA 6

Organização da Ação Extensionista Final

- Cronograma
- Roteiro de implementação
- Insumos necessários para a execução
- Definição do antes, durante e depois da ação extensionista
- Discussão e validação final com a comunidade

ETAPA 7

Execução da Ação Extensionista Final

- Potencializar o impacto social, o aprendizado do aluno e a possibilidade de continuidade.
- Conferência do roteiro.

ETAPA 8

Monitoramento e avaliação

- O monitoramento deve ser contínuo, visando à aproximação com a comunidade e ao aprendizado do aluno. A avaliação também deve ser contínua em todas as etapas.
- A avaliação deve considerar tanto os resultados práticos como o processo formativo (relatórios, protótipos, oficinas, devolutivas para a comunidade).
- Todas as etapas das ações extensionistas devem ser avaliadas, considerando o perfil do estudante e o impacto na sua formação profissional.
- Estabelecer quais produtos de aprendizagem serão selecionados para o registro de notas e quais pesos serão atribuídos no somatório das notas 1, 2 e 3.

ETAPA 9

Resultados, registros e relatórios

- Avalie com a comunidade o processo e os resultados da disciplina. Para tanto, organize a melhor forma junto com o grupo e suas lideranças,
- Avalie com a comunidade acadêmica o processo e os resultados da disciplina: seminários, rodas de conversa, reuniões, discussão com o grande grupo etc.
- Verifique a necessidade de autorização de uso de imagens, principalmente para evitar exposições indevidas.

- ➔ Caso queira publicar imagens da disciplina e/ou da ação extensionista, em apresentações de eventos ou publicações acadêmicas, siga as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa - UFN (CEP). <https://site.ufn.edu.br/pagina/comite-de-etica-seres-humanos>
- ➔ Preencha o relatório e abra o caderno no Minha UFN para o envio do relatório do seu subprojeto. O coordenador do programa informará as datas de envio e fechamento do sistema.

ETAPA 10

Divulgação e continuidade

- ➔ Analisar os resultados e prever a continuidade a partir das devolutivas do território.
- ➔ Após mensurar o impacto social e o aprendizado do estudante, reflita sobre a próxima edição e seus desdobramentos no programa e projeto integrador.
- ➔ Divulgue os resultados para a comunidade.
- ➔ Organize o material para a apresentação em seminários e/ou eventos, assim como na Mostra da Extensão e no SEPE.
- ➔ Você pode publicar um relato de experiência nas Revistas Científicas da UFN - <https://periodicos.ufn.edu.br>

Palavras finais...

Após este percurso o professor extensionista perceberá que as etapas propostas neste manual fazem a diferença na construção da extensão universitária da UFN. Nossa expectativa é que a programação da disciplina integre os planos de ensino e aprendizagem às ações práticas nos territórios, proporcionando experiências extensionistas construídas com a força da comunidade, atuando lado a lado com os atores locais para desenvolver soluções que impactam positivamente a formação acadêmica e a realidade local.

Desejamos a todos um excelente trabalho.

“Juntos, procuremos encontrar soluções, iniciar sem medo processos de transformação e olhar para o futuro com esperança. Convido a cada um para ser protagonista desta aliança, assumindo o compromisso pessoal e comunitário de cultivar, juntos, o sonho dum humanismo solidário, que corresponda às expectativas do homem e ao desígnio de Deus.”

Fonte: Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Edição extra, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 49-50, 2018. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=105102-rces007-18&Itemid=30192. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Territórios educativos para educação integral.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013. (Série Cadernos Pedagógicos). Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/04/territorioseducativos.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação integral:** texto referência para o debate nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009. 52 p. (Série Mais Educação). Disponível em: https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/153517/mod_resource/content/0/modulo-geral/Caderno-fundamentos_EII_-_SECAD-MEC.pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Rede de saberes Mais Educação:** pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009. 92 p. (Série Mais Educação). Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/curriculo-na-educacao-integral/wp-content/uploads/2019/01/etapa-4-dc-saberes-comunitarios.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2025.

COUGO, Gustavo Gonçalves; SILVA, Marcio Tascheto da; FLÔRES, Anelis Rolão. “Parque-Escola” Itaimbé: Anísio Teixeira na Cidade que Educa e Transforma. **REVISTA INTERSABERES**, [S. l.], v. 19, p. e24do1008, 2024. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2651>. Acesso em: 4 dez. 2025.

CHAUI, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Saberes do território**. Currículo da Cidade Educadora, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/especiais/curriculo-da-cidade-educadorasaberes-do-territorio>. Acesso em: 28 nov. 2025.

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Currículo da Cidade Educadora**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/especiais/curriculo-da-cidade-educadorasaberes-do-territorio>. Acesso em: 28 nov. 2025.

COOLS, Angelita; WINPERSEE, Hildegard van de. **Madre Madalena e sua congregação**: Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, 1966.

DONATO, Sueli Pereira; SILVA, Marcio Tascheto da; SANTOS, Simone José Aparecida da Silva. O direito à cidade que educa e os seus territórios nas práticas docentes: desafios à formação continuada de professores. **REVISTA INTERSABERES**, v. 16, n. 39, p. 1135-1154, 2021. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2205>. Acesso em: 9 set. 2025.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis. Editora Vozes, 2004.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global. *In*: CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA. De Studiorum Institutis. **Pacto Educativo Global**: Vademecum. Cidade do Vaticano, 2020. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Vademecum-Portuges-para-a-web-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê? **Instituto Paulo Freire**, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017. Disponível em: https://www2.unifap.br/prosear/files/2023/06/arq20230615_Extensao_Universit-MoacirGadotti_fev2017.pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS (ISEC LISBOA). **Rede Internacional UNESCO**: a cidade que educa e transforma. Lisboa: ISEC Lisboa, [s.d.]. Disponível em: <https://unitwin.iseclisboa.pt>. Acesso em: 5 dez. 2025.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Territórios em rede**: reflorestar o imaginário. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2023. Disponível em: https://educacaoeterritorio.org.br/wp-content/uploads/2024/04/publicacao_territorios_em_rede_2023_provisorio_instituto_tomie_othake.pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2015.

MERINO, José Antônio. **Filosofia da vida**: visão franciscana. Braga: Franciscana, 2000.

MOLL, Jaqueline. Territórios Educativos e Educação Integral no Brasil. *In*: CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Aprendiz**: 20 anos de história e reinvenção. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz, 2017. Disponível em: https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2017/11/aprendiz_20_anos_de_historias_e_reinvencao.pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.

ORTIZ, Ail Conceição Meireles; MARCHI, Janaina (org.). **Territórios educativos**: extensão e curricularização da extensão na Universidade Franciscana. Santa Maria: Ed. UFN, 2025. Disponível em: <https://editora.ufn.edu.br/index.php/1/catalog/view/113/122/498>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2020.

SANTOS, Milton. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Marcio Tascheto da; LÖBLER, Amanda Rampelotto. Círculos Territoriais de Aprendizagem: reimaginar nossos territórios juntos. *In*: ORTIZ, Ail Conceição Meireles; MARCHI, Janaina (org.). **Territórios educativos**: extensão e curricularização da extensão na Universidade Franciscana. Santa Maria: Ed. UFN, 2025. Disponível em: <https://editora.ufn.edu.br/index.php/1/catalog/view/113/122/498>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SILVA, Marcio Tascheto da; MOLL, Jaqueline. Cidade e Educação: da distopia histórica aos desafios da utopia. **Dialogia**, [s. l.], n. 48, p. e24481, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/24481>. Acesso em: 4 dez. 2025.

SILVA, Marcio Tascheto da. Sabedoria de Penélope: reconhecer as cicatrizes urbanas na cidade que educa e transforma. **Revista De Ciências Humanas**, v. 25, n. 3, p. 6–18. Disponível em: <https://doi.org/10.31512/19819250.2024.25.03.06-18>. Acesso em: 5 dez. 2025.

SINGER, Helena. **Territórios educativos**: experiências em diálogo com o Bairro-Escola. São Paulo: Moderna, 2015. Disponível em: https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Territorios-Educativos_Vol1.pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

UNIVERSIDADE FRANCISCANA. **Projeto pedagógico institucional (PPI)**. Santa Maria, RS: Ed. UFN, 2018.

UNIVERSIDADE FRANCISCANA. **Plano de desenvolvimento institucional 2023-2027 (PDI)**. Santa Maria, RS: Ed. UFN, 2022.

UNIVERSIDADE FRANCISCANA. **Revistas científicas da UFN**. Santa Maria, RS. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br>. Acesso em: 9 dez. 2025. Acesso em: 11 dez. 2025.

VIEIRA, Adriano José Hertzog; SILVA, Márcio Tascheto da; DALMOLIN, Bernadete Maria. O mal-estar da experiência no século XXI: desafios para uma nova pedagogia universitária. **Revista Espaço Pedagógico**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 588–601, 2018. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rep/article/view/8565>. Acesso em: 4 dez. 2025.

ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana**. Desenvolvimentos e perspectivas. Tradução: Frei Celso Márcio Teixeira OFM. Editora Vozes LTDA, Rio de Janeiro-RJ. 1999.



PROEXT

Pró-reitoria de Extensão
e Relações Comunitárias

CONTATOS

PROEXT@UFN.EDU.BR

PROEXT.EXTENSAO@UFN.EDU.BR

PROEXT.RC@UFN.EDU.BR

PROEXT.ASSESSORIA@UFN.EDU.BR

editora
UFN